

Apresentação

Esta edição nº 27 da Revista Escrita, editada pelos discentes dos programas de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem e em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio, é dedicada ao tema “Diálogos entre arte e política: resistindo ao anti-intelectualismo”.

A abordagem multidisciplinar que acompanha o periódico ao longo de seus 24 anos, bem como sua diversidade temática, caem como uma luva para o tratamento das interações entre literatura e política. A multiplicidade de abordagens aparece inclusive na forma: esta edição conta com uma entrevista, 11 artigos, uma resenha e três trabalhos literários. A participação de pareceristas tanto da área de Letras como da Ciência Política assegurou a qualidade da publicação neste momento histórico em que a referida discussão se faz tão necessária.

Dialeticamente, períodos de grande repressão política, a despeito de censura e outros constrangimentos e restrições, costumam instigar produções artísticas e culturais, ao motivarem o engajamento na resistência e exigirem soluções criativas e inovadoras para furar o cerco. A ditadura militar brasileira foi acompanhada por importante movimento no cinema e por aquele que, talvez, tenha sido o mais rico momento da música brasileira. Os fascismos europeus também foram confrontados por uma efervescência intelectual e literária. O Brasil e o mundo de hoje, assustadoramente assemelhados a um cenário distópico, entre fundamentalismos, neofascismos e pandemia, parecem mais uma vez terreno fértil para respostas desse tipo.

Exemplo disso é a história em quadrinhos Teocrasília, de Denis Melo. Trata-se de um gênero de literatura muito rico, pela combinação de texto e imagem, mas muitas vezes injustamente subestimado como de qualidade inferior. Publicada no ano em que a democracia representativa ruiu com o golpe parlamentar de Estado, 2016, a obra em questão mostra um futuro distópico, em que o Brasil se torna uma teocracia. Quanto mais próxima da realidade, mais aterrorizante é a distopia. Com Deus acima de tudo e autoritarismo acima de todos, a atualidade de Teocrasília motivou os organizadores deste dossier a entrevistarem seu autor.

Outra distopia voltada para o Brasil é abordada no quinto artigo, de Thaís Sant’Anna Marcondes. Ela analisa A Nova Ordem, de B. Kucinski. Se a ocultação e manipulação quase orwelliana de informações da ditadura militar já aparecia em outras obras do autor, nesta as heranças daquele brutal período histórico aparecem na projeção

distópica e nada distante de um avanço do militarismo e do antiintelectualismo. A ditadura militar argentina, por sua vez, é tema do sétimo artigo, de Lia Leite Santos, que desenvolve um diálogo entre o conto Recorte de Prensa, de Julio Cortázar, e o conceito de *homo sacer*, de Giorgio Agamben.

Tal como os quadrinhos, a mesma questão de um gênero literário com alto potencial artístico e político mas por vezes menosprezado aparece no artigo de Gabriel Delphino, o segundo desta revista. Ele pesquisa o rap, analisando em algumas letras selecionadas a possibilidade de enquadrá-las como representantes do Pensamento Político Brasileiro. A questão do racismo, que evidentemente é abordada nesse artigo, retorna com centralidade no ensaio seguinte, de Renata Carmo Alves. Ela apresenta como o racismo, e mais especificamente a retratação e deslegitimação das mulheres negras como loucas, é imposto discursivamente, de modo a produzir o aniquilamento de seus corpos.

O terror da homogeneização, e da dominação que esta representa, e as respostas artísticas e discursivas dadas (ou necessidade delas) são tema que aparece em vários dos trabalhos aqui publicados. O primeiro artigo deste número, de Rodrigo Resende Rocha, trata do debate frankfurtiano sobre ideal iluminista de progresso, homogeneização, arte e literatura.

No penúltimo artigo, André Winter Noble desenvolve a ideia de contramonumento, justamente para chamar a atenção para os discursos excluídos da narrativa oficial ao longo dos séculos. O papel progressista da arte, com a invenção artística como nova retórica na política, é o tema do artigo de Plínio Ubiratan Figueiredo Vieira, o último deste volume.

Um caso radical de rompimento com a homogeneização/dominação do sujeito, também na estética, é o abordado no oitavo artigo, de Alexandre dos Santos Silva, que analisa, em diálogo com a obra de Georges Bataille, o pensamento da artista transsexual, negra e periférica Ventura Profana, dedicada à arte de performance e a sua divulgação nas redes sociais.

A desumanização e coisificação dos personagens no livro Objecto quase, de José Saramago, é tratada no quarto artigo, de Paulo Henrique Passos de Castro, que acrescenta que é parte dos mecanismos de dominação típicos de regimes totalitários a própria colaboração voluntária das vítimas. A desumanização, portanto, perpassa vários dos trabalhos publicados nesta edição da Revista Escrita, bem como as denúncias e respostas em variados gêneros da literatura.

É tema do sexto artigo, de André M. Penna-Firme, a resposta dada pela ficção realista de Lima Barreto ao representar muito concretamente a vida na cidade com o olhar “do outro”, destoando da literatura parnasiana dos dominantes, em mudança estética de fundamental importância política. No nono artigo, a cultura brasileira e sua interface com a política retornam em mais um diferente formato: a telenovela. Valmir Moratelli analisa os temas das ficções televisivas da Rede Globo entre 1998 e 2018, compreendendo, portanto, o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, a era petista com Lula da Silva e Dilma Rousseff, e o mandato não democrático de Michel Temer.

Depois dos 11 artigos e ensaios, esta revista traz ainda a resenha de Felipe Nildo Oliveira de Lima de obra de Carlos Felipe Moisés sobre a função social da poesia, seguida pelos sonetos de Thiago Gonçalves Souza e pelas prosas de Iuri Dantas e Vinícius Bandeira.

Fico muito feliz por colaborar com a Revista Escrita na apresentação desta edição. Além de ser um entusiasta tanto do tema tratado como de iniciativas discentes como a publicação deste periódico, sou também um “filho da PUC”. Antes de meu mestrado e doutorado em Ciência Política, e de me tornar docente da Escola de Ciência Política da Unirio, passei lindos cinco anos na PUC-Rio cursando Comunicação Social/Jornalismo e a pós-graduação *lato sensu* em Sociologia Política e Cultura, justamente quando foram publicados os primeiros números deste já longevo periódico. É, portanto, um prazeroso reencontro com minha *alma mater*, como se diz no país do ex-presidente cujo nome batizou o pilotis que eu tanto freqüentei.

Desejo a todos uma boa leitura, pois sem política e sem arte mal se pode caminhar.

Guilherme Simões Reis